

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Ciências do Zika”

Episódio #2: Cuidado é substantivo feminino

Transcrição do episódio: Mariana Petruceli

Revisão da transcrição: Irene do Planalto e Soraya Fleischer

## Legendas

Blocos

Efeitos sonoros

## Abertura

[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]

**Irene:** Ciências do Zika, uma série do podcast Mundaréu. Aqui, a partir de um ouvido antropológico, a gente vai conversar sobre a epidemia do vírus Zika com cientistas que se dedicaram a estudar esse vírus em Pernambuco. Esse é o episódio 2, “Cuidado é substantivo feminino”.

[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]

*É chegado o tempo da inocência partir*

*Vida pede cimento, vou fincar minha raiz*

*Não me perder no vento da emoção do aprendiz*

*É chegado o tempo de ampliar a ciência*

*Sobre o que é ser feliz*

*(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*

**Irene:** Eu sou a Irene do Planalto e nesse episódio recebemos a Caroline Franklin. Ela é licenciada em Ciências Sociais e graduanda em Antropologia na Universidade de Brasília, e também faz parte do grupo de pesquisa das Ciências do Zika. A Carol pesquisa sobre as múltiplas jornadas das mulheres em época de epidemia.

**Caroline:** Oi Irene, obrigada por me receber! Pra começar, eu quero que você escute uma história, pode ser?

**[Som de suspense, mistério, em frequência aguda, vai em crescente durante a fala. Choro de bebê, hospital]**

**Isis Suruagy:** Inclusive, eu tava grávida, né, na época da Zika. Então minha filha nasceu em janeiro de 2016 e os meninos começaram de outubro, né? Até fevereiro, por aí, de 2016, então eu me vi grávida, né? Nessa situação. E quando minha filha nasceu, a primeira coisa que eu perguntei foi qual era o tamanho da cabeça dela, pelo amor de Deus!

**Caroline:** Essa é a Isis Suruagy. Ela é nutricionista pediátrica e foi entrevistada em maio de 2022 pela Mariana Petruceli e pela Thais Valim, que são minhas colegas de equipe na UnB. A Isis engravidou e teve filho durante a epidemia do Vírus Zika. Como a gente ouviu no episódio “Criança não é adulto pequeno”, o episódio anterior, né? Milhares de crianças nasceram com a síndrome no Brasil, especialmente na região Nordeste e Sudeste. A nossa equipe de antropólogas e muitas outras equipes estudaram o impacto da epidemia sobre as mulheres, seus filhos e crianças.

**Irene:** Muito foi publicado sobre isso, né Carol?

**Caroline:** Foi. A chegada de uma criança com um agravo neurológico tão severo gerou um impacto muito grande pra essas famílias, em geral... famílias de baixa renda, que vivem em regiões periféricas e com pouca infraestrutura. As crianças eram cuidadas, na maior parte das vezes, por mulheres negras, jovens, e de baixa escolaridade. E Irene, a gente não pode esquecer que eram mulheres que já enfrentavam a falta de água, falta de transporte... de escola também pros seus filhos e ainda por cima tiveram que deixar o trabalho para cuidar destas crianças.

**Irene:** Então a epidemia impactou quem já estava muito vulnerável socioeconomicamente, né?

**Caroline:** Exatamente, foi uma epidemia que atingiu em maior parte uma classe específica.

**Irene:** Mas, Carol, pelo que a gente ouviu na história da Ísis, essas cientistas também vivenciaram a epidemia do ponto de vista reprodutivo, né?

**Caroline:** Sim, Ire. Uma das formas de transmissão do Zika Vírus é a transmissão de mãe para filho, o que a gente chama de transmissão vertical. Ou seja, todas as mulheres que estavam grávidas nesse período corriam risco.

**Irene:** Mas... elas, as cientistas, tinham outras condições materiais para enfrentar a epidemia, né? A gente não pode perder isso de vista.

**[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]**

**Caroline:** Bem lembrado, são contextos **bem** diferentes. O que eu quero te contar hoje é que, na nossa pesquisa em Recife, as cientistas que entrevistamos eram quase todas mulheres. E isso não foi por coincidência, sabe. O cuidado dessas crianças, no dia a dia, foi feito pelas mulheres, sejam mães, irmãs, avós. E o cuidado oferecido pela ciência, de dentro dos laboratórios, hospitais e universidades, também foi feito por mulheres, nutricionistas, terapeutas, enfim, **outras profissionais de saúde, como a Isis e tantas outras interlocutoras nossas.**

## **BLOCO 1: As mulheres na epidemia do Zika**

**Irene:** Então, vamos lá, Carol. Me conta que diferença faz uma epidemia ser cuidada e ser estudada por mulheres.

**Caroline:** Faz toda diferença. Eu quero chamar atenção pro fato de que a ciência, muitas vezes, é vivida na pele também, vivida bem de perto. Algumas das nossas entrevistadas, que eram pediatras, enfermeiras, fisioterapeutas, começaram a atender estas crianças. E elas foram pesquisando para entender o que tava afetando essas crianças. Então, a inspiração científica veio dos pacientes, dos consultórios. Já outras entrevistadas, como a Isis, tavam grávidas ou então suas estudantes, filhas, parentas e vizinhas engravidaram. Elas viram a gestação acontecendo nesse momento epidêmico. E ainda, Irene, algumas tinham acabado de parir, e ainda com seus bebês de colo, voltavam para a bancada, para a sala de aula, até para os congressos acadêmicos para apresentar resultados.

**Irene:** A ciência foi feita no decorrer da epidemia, eu acho que vamos ouvir isso ao longo de toda a série. Você tá contando, então, que a ciência foi feita em meio à maternidade, em meio à própria experiência como mãe ou a experiência de mães muito próximas.

**Caroline:** Isso. Se era um monte de mulheres cuidando dessas crianças, era também um monte de mulheres estudando sobre estas crianças. E quero te contar sobre o encontro entre estas diferentes mulheres. A gente observou em nossa pesquisa que o aprendizado que as cientistas tiveram com as mães de Zika também **fez a ciência mudar**.

**Irene:** O efeito foi para dentro.

**Caroline:** Isso mesmo. Para começar, muitas das entrevistadas não ignoraram que trabalhavam e faziam pesquisa justamente onde a epidemia estava acontecendo. Escuta só o depoimento da Danielle Ramos. Ela é da área de otorrino, que foi entrevistada pela Soraya Fleischer e pela Aissa Simas em 2018:

**Danielle Ramos:** Quando eu tava terminando o mestrado foi quando começaram os primeiros casos aqui, foi.. é... 2015, né? E aí, quando eu tava finalizando o meu mestrado, começou isso e eu me interessei pelo tema, conversei com ela e resolvi entrar no doutorado nessa área, nesse tema, né? Particularmente assim, foi algo que pra quem mora aqui... foi muito marcante, né? Porque a gente mora no foco da epidemia, né? E eu tava grávida em 2014.

**Caroline:** A Danielle Ramos, por exemplo, escolheu o tema dela por conta da epidemia e por conta de sua experiência recente com a gestação. O fato de já serem mães (ou de se tornarem mães naquele momento) fez com que as cientistas entendessem as mães de Zika de uma forma diferente. Elas sentiam na pele ou sentiam de perto o que que estava acontecendo. Como a Isis, né? A nutricionista que a gente conheceu no início do episódio. Ela falou assim:

**Ísis Suruagy:** Como eu me vejo nessa questão, como o gênero interferiu... eu acho que a questão do sexo feminino né? Não é nem o gênero, é o sexo, nessa questão da Zika Vírus, do acolhimento, como a gente via muito as mãesné? Que traziam as crianças, e a gente mal via pai. Mas assim, vinha, com exceção tinha pai cuidando também. Muitas, inclusive, relatam que os pais abandonaram e as mães fazem tudo sozinhas, enfim. Então, eu acho que elas tinham maior acolhimento quando viam que era gênero feminino, por ser mãe também, né? A gente sempre identificava porque eu estava inserida nessa questão, também. Então, por eu ter vivenciado essa angústia de poder ter tido uma filha com Zika, eu acho que o acolhimento de mim com elas foi muito grande, né? E elas com a gente. Eu também relatava isso, minha filha tem a idade deles, então assim, pra sentir acolhida nesse sentido. Então, acho que isso foi bom para elas, eu ter tido essa mesma experiência, apesar de não ter tido a Zika.

**Caroline:** Tem outra entrevistada, a Ana Paula Melo, que se pautou pela sua formação profissional, tanto na academia, quanto no movimento feminista. Ela é professora de Psicologia

na Universidade Federal de Pernambuco, e as minhas colegas, Isabella Barbosa e a Soraya Fleischer, entrevistaram a Ana Paula em 2022:

**Ana Paula Melo:** Como eu te disse, desde o começo a minha preocupação eram as mulheres. O meu mestrado é na Saúde Pública, mas dentro da área de Ciências Sociais e Humanas, né? Na Saúde Pública. Só que eu entro num estudo epidemiológico pra identificar possíveis relações de causa, de risco, que eram a terminologia conhecida pra mim porque eu também sou da Saúde Pública, né? Tinha feito já a especialização. Porque a pesquisa era muito estruturada num estudo caso-controle que é todo baseado em princípios epidemiológicos mesmo.

**Caroline:** Ou seja, ela tinha uma formação qualitativa, por ter toda uma bagagem das Ciências Humanas, e uma formação quantitativa, porque ela também navegava bem pelos estudos estatísticos da Epidemiologia. Mas ela queria mais quali, mais o foco qualitativo mesmo, ela queria incluir histórias das mulheres e suas famílias nos estudos quanti.

**Ana Paula Melo:** Só que, dali abriu caminhos pra vários outros estudos, e aí quando o pessoal foi submeter um projeto pra um outro edital lá daqueles, eu acho que era do Zika Plan, eu acho, né? Esses grandes consórcios de financiamento das pesquisas de Zika. E aí quando foi construir, aí Thália disse, a gente quer um objetivo nesse projeto.

**Caroline:** A Thália Araújo é professora da UFPE e coordenadora do projeto e, na época, ela também orientava a Ana Paula.

**Ana Paula Melo:** E aí o objetivo era perceber o impacto da epidemia na vida das mulheres. E aí foi a partir desse objetivo, era um objetivo específico dentro do projetão, que a gente começou a desenhar esse outro caminho, assim, pra uma pesquisa mais quali, voltada pra política de saúde.

**[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]**

**Irene:** Carol, você tá me contando como a proximidade pessoal com a epidemia influenciou na escolha do tema de uma pesquisa, né? Na forma de realizar essa pesquisa. Tem outras experiências nesse sentido?

**Caroline:** Então, no dia a dia da pesquisa, foi inevitável adaptar a metodologia, né? A Labibe Pinel pode nos ajudar a entender isso. Ela é Fisioterapeuta e foi entrevistada pela Mari e pela Thais. Ela falou assim:

**Labibe Pinel:** A gente ajudava nesse sentido, né? E quando as mães faltavam, não podiam ir por qualquer motivo, a gente era compreensiva, porque, né? enfim, eles dependem às vezes de carro da prefeitura e tal. Mas realmente assim, elas estavam muito cansadas. Muitas delas o companheiro tinha deixado, então elas ficavam sozinha para tudo. Enfim, um cenário bem difícil, assim, bem... bem complicadinho.

**Caroline:** No contato com as mães, seja na rotina de atendimento médico, seja no dia a dia da pesquisa, essas profissionais foram conhecendo e conversando com as mães, entendendo suas dificuldades específicas. E, mais importante, foram aprimorando a escuta para o que as mães contavam. Deu para ver como elas eram tratadas nos serviços de saúde.

**Irene:** Uhum...

**Caroline:** Por exemplo, a Tereza Lyra, que é médica e trabalha na FIOCRUZ de Pernambuco, pesquisou sobre os impactos socioeconômicos da epidemia. Em 2022, a Tereza foi entrevistada pela Soraya e pela Isadora Valle.

**[Som de suspense, mistério, se desenvolve ao longo das falas]**

**Tereza Lyra:** A gente também ouviu muitos relatos, da questão do estigma e do preconceito que elas sofriam, por exemplo e de todas as partes, né? Eu me lembro de um relato de uma, particularmente que me chocou profundamente, aliás teve vários que me chocaram profundamente, mas por exemplo, uma que a criança nasceu, ela na sala de parto e a médica faz “mais uma micro, mais uma micro, mais uma micro” e sai correndo e entra aquela tua de médico e ela “O que é micro? O que é micro? O que é micro?”, e a criança lá cheio de gente olhando. Então, assim, imagine a violência pela qual essa mulher passou. Então, assim, relatos como esse não foram tão incomuns. Ou de um médico que chegou pra uma das mães e disse, “Mas quem mandou você morar onde tem mosquito?”. Como se ela, nessa sociedade desigual da gente, pudesse escolher, certamente ela não ia morar onde tem mosquito, quem escolhe morar assim? Então, foram relatos sofridos de serem escutados e de serem refletidos também, depois.

**Irene:** Que histórias chocantes, Carol! A Tereza tem toda razão. Eu fico pensando que estes encontros, por conta do atendimento e da pesquisa, foram mudando essas profissionais da saúde que vocês entrevistaram.

**[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]**

**Caroline:** Com certeza, Irene! Na minha opinião, este é um dos **resultados mais bonitos da nossa pesquisa**. Mas, vou te contar isso no próximo bloco, vem comigo.

## **BLOCO 2: Os resultados para dentro da ciência**

**Irene:** Até agora, você me contou de reflexões retrospectivas destas cientistas, né?

**Caroline:** Isso, depois que a epidemia passou, elas olharam para trás e avaliaram criticamente **como** fizeram suas pesquisas. Mas também tem várias reflexões voltadas para o futuro. Um dos principais resultados pra todas essas cientistas é o efeito **pra ciência** que elas produzem.

**Irene:** Como assim? O resultado da ciência não é sempre pra fora, não deveria se voltar pras famílias atingidas pela epidemia, neste caso?

**Caroline:** Claro, isso é muito importante. E vou deixar na página deste episódio os resultados que elas produziram. Mas, o que eu percebi, analisando as entrevistas, é que estas pesquisadoras não passaram intocáveis pelas suas próprias pesquisas. O resultado não foi só pra fora. O encontro com as mães e com suas crianças mudou pra dentro, foi... deixando marcas, sabe? Foi estimulando mudanças nas suas práticas de pesquisa, de docência, de assistência. Então, a ciência do Vírus Zika foi moldada por cientistas e por mães! A experiência da Mirella Rodrigues, por exemplo, ajuda a entender isso. Ela é fonoaudióloga e atualmente é professora de Saúde Coletiva no curso de Fonoaudiologia da UFPE. A Mirella foi entrevistada pela Mari e pela Thais e, depois da sua participação em estudos sobre a epidemia do Zika, ela percebeu que sua forma de dar aula não poderia continuar a mesma:

**Mirella Rodrigues:** E depois que eu fui, me tornei mãe, eu vi como os horizontes se ampliaram porque eu já acompanhava, eu trabalho com política de saúde da criança lá na ponta. E depois que eu me tornei mãe, toca em mim essas questões, né? Então, eu não tenho dúvida de que o meu exercício docente foi ampliado nesse quesito aí. Eu vejo que inclusive nas minhas aulas, os exemplos que eu dou são muito mais, são concretos agora quando eu falo amamentação, amamentação em livre demanda,. Antes eu entendia o desafio das mulheres, mas hoje eu sei o que é.

**Caroline:** A Ana Paula Melo, que a gente já ouviu aqui, agora tá pensando em como desenhar a próxima pesquisa. E ela já adianta, não será como a anterior:

**Ana Paula Melo:** Eu acho que o aprendizado talvez seria esse aprendizado que é o olhar pra o sujeito da pesquisa assim, de como essa relação ela pode ou não ser diferente. É uma coisa que a gente tá pensando muito pra essa pesquisa nova, né? Que a gente tá tentando pensá-la de modo mais construído em parceria com as próprias mulheres assim, né? Quais são as perguntas, quais são os caminhos, o que é que vocês querem também, né? Mais do que a pergunta nossa como cientista, né?

**[Transição musical: Maracatu, com de caixas e agbês, um batuque leve]**

**Caroline:** A Ana Paula, a Tereza e a Labibe, contaram que as mães, aos poucos, foram se sentindo usadas por vários projetos de pesquisa que chegaram ali no Recife. Algumas reclamavam, por exemplo, da falta de resultados e aí, por conta disso, foram se afastando, foram se recusando mesmo a levar os filhos para participar das pesquisas. Muitos cientistas queriam entrevistar elas, estudar seus filhos, fazer exame com eles, mas poucos se preocupavam com uma devolutiva pras mães. É... não tinha mais vantagem em consentir com pesquisas feitas com suas crianças, sabe? Com isso, as cientistas foram percebendo que a ciência também pode reforçar e produzir desigualdade e, então, precisaram negociar com as interlocutoras, as mães, né? As expectativas sobre o desenho das pesquisas. **E, aí, nesse movimento, elas foram mudando suas práticas científicas.**

## **FECHAMENTO**

**Caroline:** A minha sugestão, Irene, é exatamente nessa linha: é pensar sobre uma **outra forma** de fazer ciência. Uma ciência de inspiração **feminista**, em que as mulheres e suas famílias estejam **no centro** e não apenas no final. Uma ciência que não seja unilateral, mas sim, que as prioridades sejam definidas em diálogo. Em diálogo **com as pessoas que serão estudadas**, que elas acompanhem de **perto** a pesquisa, que tenha espaço pra crítica e pra correção ao longo do caminho. E uma ciência com resultados que possam ser escritos e aproveitados **por todo mundo**, não só pela pesquisadora, na sua carreira, na sua universidade.

**Irene:** Por isso que elas foram mudando o jeito de fazer ciência.

**Caroline:** Exatamente. Deixa eu comentar com você uma última coisa importante. Nossas entrevistadas contaram que chegaram ao feminismo de modos diferentes. Tem algumas que chegaram pela própria história de vida, como... uma “feminista orgânica” e que estava sempre lutando pelos direitos das mulheres. Tem outras que só quando entraram na universidade tiveram acesso a literatura feminista. E também tem as que nem sequer chegaram a comentar sobre feminismo mas que fazem ciência através de um olhar feminista.

**Irene:** Aham...

**Caroline:** E muitas explicaram que foram atravessadas por inquietações feministas durante **essa epidemia do vírus Zika**, vendo de perto o sofrimento das mães e suas crianças, conhecendo de perto como elas se organizaram para lutar pelos seus filhos, através de associações, de grupos de apoio e da própria rede de amizade e confiança que as mães criaram entre si também.

**Irene:** Então, quer dizer que as entrevistadas viram que não tem como produzir ciência sem levar em conta a vida das participantes de uma pesquisa, né?

**Caroline:** Sem levar em conta a pessoa que produz a pesquisa também, seu posicionamento político, suas vivências e o corpo dessa cientista, tipo assim, se ela tá grávida, se tá amamentando, vivendo o puerpério, por exemplo.

**Irene:** Uma ciência encarnada, feita de gente, de história. Não tem como se pensar do lado de fora, lá de longe e sem envolvimento. Uma ciência feita por todas essas mulheres, uma ciência feminista mesmo.

**[Música tema: “Suporto Perder”, de Flaira Ferro e Igor de Carvalho. O instrumental cresce aos poucos, iniciando com uma base de teclado em melodia rápida e repetitiva, bateria marcada e logo vem a guitarra com melodia lenta e marcada, grave. Ao fundo da melodia ouve-se sons como gritos de guerra e canto de pássaro. As diversas informações sonoras trazem sensação de suspense e alerta]**

**Caroline:** Então, a gente começa a pensar que a ciência pode também ser uma forma de oferecer cuidado. Mas não é qualquer ciência, feita de qualquer jeito. Tem muitos detalhes que precisam ser levados em consideração, tem muitos atores que precisam ser incluídos na conversa científica.

**Irene:** Uma ciência mais igualitária, democrática, respeitosa.

**Caroline:** E que não seja uma ciência apenas para produzir resultados teóricos no mundo acadêmico, mas também que gere mudanças, práticas na realidade de todos que contribuem para que a pesquisa seja feita. E, mais importante, uma ciência que sai transformada e revigorada depois destes encontros.

**Irene:** Muito obrigada, Carol. Foi ótimo ouvir os resultados do seu projeto.

**Caroline:** Eu que te agradeço por esse espaço, Ire! Foi ótimo conversar com você e participar dessa série.

**Irene:** Também quero agradecer às cientistas Ísis Suruagy, Danielle Ramos, Ana Paula Melo, Labibe Pinel, Tereza Lyra e Mirella Rodrigues por nos contarem suas histórias. Os currículos dessas pesquisadoras podem ser encontrados na página do Mundaréu: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>. Nossa série é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal e a música que embala a série é “Suporto Perder”, da cantora pernambucana Flaira Ferro, do Igor de Carvalho e também com a voz do Chico César. Você pode ver todo o expediente de produção na descrição do episódio.

O Mundaréu faz parte da Rádio Kere-Kere, um coletivo de podcasts de Antropologia. Se quiser ouvir outro podcast da Rádio, deixo a dica do “Urbanidades: o podcast do urbano brasileiro”, é uma das iniciativas do UrbanData-Brasil e do Centro de Estudos da Metrópole. Com apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, o podcast é feito por bolsistas de graduação e colaboradores sob a coordenação da Professora Bianca Freire-Medeiros. Já são mais de 80 episódios sobre os diversos temas de estudos urbanos. Você pode encontrar o “Urbanidades” em: <https://radiokerekere.wordpress.com/> “Kere-kere” é com “k”.

É isso, até mais! A gente se ouve no nosso próximo episódio da série, “Ciências do Zika”.

**[A harmonia da música é preenchida pelo maracatu rural, com caixas e agbês. A melodia da guitarra ganha corpo. Vozes cantam o refrão da música]**

*É chegado o tempo da inocência partir  
Vida pede cimento, vou fincar minha raiz  
Não me perder no vento da emoção do aprendiz  
É chegado o tempo de ampliar a ciência  
Sobre o que é ser feliz  
(É chegado o tempo de ampliar a ciência sobre o que é ser feliz)*